

Rivalidade sufixal e polissemia

Maria do Céu Caetano

Abstract: Rooted in the generally accepted definition of isofunctional / rival / competing suffixes, some arguments that favour or reject the existence of suffixal rivalry will be considered. The nominal suffixes of the Portuguese Language that concur or had concurred between themselves are then analysed. Presuming that the “one meaning-one form” principle is not always observable, we will discuss what type of restrictions constrain the selection of one particular suffix to the detriment of another one and the consequences of the suffixal rivalry, namely the precise relations between suffixal competition and productivity and polysemy issues.

Neste breve trabalho, apresentam-se alguns argumentos geralmente utilizados a favor e contra a existência da rivalidade sufixal para, seguidamente, se proceder à análise de alguns sufixos do português que concorrem (concorreram) entre si, aceitando, portanto, que alguns sufixos serão isofuncionais. Assim, admitindo que o princípio de “one meaning-one form” nem sempre é observável, serão discutidas algumas restrições que determinam a selecção de um determinado sufixo em detrimento de outro(s) e quais as consequências da rivalidade sufixal, nomeadamente quais as relações entre a competição sufixal e os fenómenos da produtividade e da polissemia.

Por sufixos concorrentes / rivais / isofuncionais entendo os sufixos que apresentam distintividade fonológica e

identidade funcional e semântica, i.e., sufixos que, não sendo variantes, seleccionam o mesmo tipo de bases e lhes conferem o mesmo semanticismo, observando-se, assim, uma relação directa entre rivalidade e polissemia sufixal, tal como, por exemplo, *-eza*, *-ura* e *-idão*, em *brandeza* e *brandura* e *limpeza* e *limpidão*.

Aqueles que argumentam a favor da existência da rivalidade sufixal, assumem que a variabilidade é inerente à linguagem humana e, por isso, duas formas funcional e semanticamente idênticas podem sempre coexistir, redundando ou não em mudança. Nesta perspectiva, só idealmente a língua tende para a uniformidade. Cf., por exemplo, Plag (1999: 12), para quem “where both suffixes are semantically and phonologically licensed, both can in principle be attached. Sometimes, only

one of the two is attested, sometimes the other, sometimes both.” Pelo contrário, os que argumentam contra a existência da rivalidade sufixal consideram que a tendência para evitar sufixos rivais dever-se-á a uma restrição imposta pelo princípio de economia da língua: há uma resistência em adicionar formas funcional e semanticamente equivalentes a outras que já adquirimos. Por exemplo, *espessura*, bloqueia °*espessidade*, um derivado sinónimo possível formado de acordo com um sufixo disponível. O mesmo princípio de economia determinará que uma forma irregular como *ladrão*, provavelmente por ter uma frequência elevada, tenha substituído *roubador*, derivado transparente, formado através de um processo regular e em que ocorre um sufixo amplamente disponível¹.

Retomando parte da análise efectuada anteriormente (cf. Caetano 2003), serão examinados seguidamente alguns

¹ Cf. o princípio de ‘one meaning-one form’ (Humboldt, 1836), o qual determina que num sistema linguístico “ideal” a cada forma corresponde um único significado e cada significado tem uma única expressão formal, defendendo-se, portanto, a transparência semântica (cf. Dressler, 1988: 11). Qualquer desvio a esta máxima é encarado como idiosincrasia. Cf., igualmente, hipótese de ‘um afixo-uma regra’ e conceito de bloqueio em Aronoff (1976: 42).

sufixos que são apontados como concorrentes (cf., por ex., Becherel 1981), mais concretamente sufixos nominais² que servem para formar:

- a) nomes de agente (*-dor; -deiro; -eiro*);
- b) nomes de acção (*-agem; -ção; -dura; -mento*);
- c) nomes de qualidade (*-aria; -ice; -ez; -idade; -idão; -nça; -ura*);

Para além dos nomes de agente, *-dor* forma igualmente nomes que designam o objecto ('Que serve para V') e na génese deste alargamento do emprego do sufixo poderá estar o facto de, no processo de produção, o progresso da técnica ter substituído o homem pela

² Os exemplos a que recorro foram retirados de gramáticas históricas do português em que é tratada a formação de palavras (cf. Caetano 2003: Parte I, caps. 1 e 2) e outros, antecedidos da data da primeira atestação, foram extraídos de textos utilizados para controlo, seguindo-se a estes últimos a referência aos textos de onde foram extraídos: S13 (textos do séc. XIII), A (textos do séc. XIV), D (*Dom Duarte. Leal Conselheiro (edição crítica)* de Maria Helena L. de Castro, 1998), E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q (*Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*, de Maria Teresa Brocardo, [1994] 1997). Excepto no caso de D, em que o número das páginas corresponde exactamente à edição imprensa, os números das páginas remetem para as páginas do ficheiro informatizado. Para uma informação mais detalhada sobre a constituição do *corpus*, cf. Caetano 2003: 191-196.

máquina³. Muitas formas transparentes em *-dor* seriam substituídas por outras: por exemplo, *guia* (séc. XV) substituiu *guiador* na acepção agentiva e *guiador* passou a designar o 'objecto que serve para guiar', ao passo que *fugidor* foi suprimido, passando a usar-se *fugitivo* (séc. XV [+lat]).

O sufixo *-deir*-⁴ forma nomes deverbais e conceptualmente designa 'Aquele que V' (ex.: *tecedeira*) e o 'Local' (ex.: *despenhadeiro*). Quando o sufixo *-deiro* designa o agente, tem como contraparte feminina *-deira*, enquanto na designação de 'Local' só ocorrem derivados em *-deiro*. Alguns nomes em *-deira* designam o '(objecto) Que serve para V' (ex.: *escumadeira*)⁵ e a 'Acção ou resultado da acção' (ex.: *brincadeira*). Por seu turno, em duas acepções, 'Que serve para V' e 'Acção ou resultado da

³ Cf. Dubois (1962: 44), autor que aponta ainda, como resultado da imposição da máquina na produção, o facto de a forma feminina do sufixo se ter tornado uma variante livre.

Na opinião de Jordan ([1972] 1980: 19), os nomes de instrumento formados com *-dor* são inovações românicas.

⁴ Para alguns, este sufixo será uma variante de *-eir-* (cf., por exemplo, Ferreiro 1997: 169), uma vez que se tratará da junção do sufixo à forma participial do verbo (terminações em *-ado*, *-edo* e *-ido*).

⁵ Nesta acepção, são frequentes as alternâncias *-deiral-dora*.

acção', *-deira* não é comutável com *-deiro*, não devendo por isso ser considerados alomorfes nestes dois casos.

Se tivermos em conta o semanticismo que *-eir-* transmite às bases, dificilmente o poderemos considerar unicamente como o equivalente do sufixo latino *-ári-*, uma vez que dá origem a um leque muito maior de derivados (nomes a que correspondem várias paráfrases, para além de adjectivos), enquanto *-ário* só dá origem a nomes na acepção de 'colectivo' (exs.: *bibliario* e *bulário*) e a adjectivos⁶, do tipo de *estatuário* e *semanário*.

Os valores semânticos que *-agem* atribui aos nomes em que ocorre são os de: 'Colectivo' (exs.: *ramagem*), 'Acto próprio de' (ex.: *vadiagem*) e 'Tributo, imposto' (ex. *costumagem*), quando se solda a nomes e de 'Acção ou resultado da acção' (ex.: *lavagem*), quando se junta a temas verbais. Nos textos dos séculos XIII, XIV e XV existem cinco derivados em *-agem* com a acepção de 'tributo, imposto' (séc. XIV *açougagẽ* A58; séc. XIII *carceragẽ* S13 p. 276 / *carceragem* A43, A55 / *carçeragẽ* A20,

⁶ A maior parte destes adjectivos são simultaneamente nomes (sem acepção colectiva).

A43, A55 / *c(ar)çeragê* A20 / *carçaragem* A1; séc. XIV *custumagê* A49; séc. XIV *lagaragem* A146; séc. XIV *Relegagê* A21, A44), dois que indicam 'acção ou resultado da acção' (XIII *ferragê* H24; XV *pillotagê* K23) e um com a acepção de 'colectivo' (cf. XV *fardagê[s]* H3, L28, F9), o que faz supor que tenha havido uma redefinição do semanticismo básico associado ao sufixo, i.e., a pouco e pouco, *-agem* terá passado a formar predominantemente nomes com a acepção de 'Colectivo', enquanto a acepção de 'Tributo, imposto' se terá tornado quase incipiente.

Excluindo os temas verbais da 2ª conjugação, em que se dá uma alternância da vogal temática, passando de *-e-* a *-i-*, como por exemplo *rendi-*, observa-se que o sufixo *-ção* não desencadeia qualquer tipo de reajustamentos da base, juntando-se imediatamente aos TV, na sua maioria da 1ª conjugação. Desta forma, não me parece aceitável, ainda que remetendo para uma explicação de ordem diacrónica, que na descrição de *-ção* seja apontada a alomorfia complexa do sufixo⁷, nem a maior ou menor

⁷ Cf., por exemplo, o trabalho recente de Lacuesta e Gisbert (1999: 4530), onde *-são*, *-iã* e *-ão* são apontados como alomorfes de *-ção*.

transparência dos derivados, pois as formações portuguesas em *-ção* são regulares e transparentes. O sufixo *-ção* partilha da mesma base com outros sufixos, nomeadamente: *-nça*: séc. XV *igualaçom* D240 / *igualança* séc. XV; séc. XIV *mudaçõ* M24 / *mudança* séc. XIV; *-eza*: séc. XV *igualaçom* D240 / *igualeza* séc. XV e *-mento*: séc. XIII *outorgaçõ* S13 p. 97, A86 / *outorgamento* séc. XIII; séc. XIV *testaçõ* A23 / *testamento* séc. XIII lat. As datas das várias formas não nos permitem afirmar que *-ção* (*-çõ*, *-çom*, *-çon*, *-çã*, *-çiõ*, *-ço* e *-com*) se tenha sobreposto a outros sufixos, como é muitas vezes afirmado para reforçar a sua produtividade.

O sufixo *-dura* junta-se imediatamente a TV, sem desencadear alterações da vogal temática e forma N [+abstracto] que designam a 'Acção ou resultado da acção' (exs. *cozedura*, *soldadura*) e N [-Abstracto] que designam: a) 'Instrumento, objecto' (ex. *fechadura*); b) 'Quantidade' (ex. *vereadura*⁸); c)

Em português, *-são* é uma mera terminação e não tem o estatuto de sufixo, na medida em que nunca serviu para formar nomes em português, ocorrendo unicamente em palavras herdadas do latim.

⁸ Tanto pode designar 'grupo (quantidade) de vereadores', como pode ser sinónimo de

'Ferida' (ex. *queimadura*); d) 'Fisionomia, aspecto' (ex. *catadura*⁹); e) 'Delimitação' (séc. XIII *çerradura[s]* F5, H15 ("hũ campo com hũas poucas de palhas por çerraduras").

No seguimento de Pereira ([1916] 1935⁹), também Nunes ([1919] 1989⁹) reconhece que a "força criadora" de *-mento* "é hoje menor que na antiga língua, tendo sido por vezes substituído pelo antecedente [-ção], de que é sinónimo" (Nunes [1919] 1989⁹: 373). A datação revela-se importante, na medida em que nos permite verificar dois aspectos: 1) nos casos em que outros sufixos concorrem com *-mento*, muitas vezes, a junção de *-mento* é cronologicamente anterior. Veja-se, por exemplo:

a) *-mento* / *-ção*: *deslocamento* (1899) / *deslocação* (1813); *duramento* (séc. XIV) / *duração* (séc. XV); *incitamento* (séc. XVI) / *incitação* (séc. XVII); *perdimento* (séc. XIII) / *perdiçom* / *perdição* (séc. XIII); *produzimento* / *produção* (séc. XVIII);

vereação, sendo, portanto, no segundo caso, [+abstracto].

⁹ Designa igualmente, 'estado psicológico'.

b) *-mento* / *-nça* e *-mento* / *-ncia*: *ensinamento* (séc. XIII) / *ensinança* (séc. XIV); *lembramento* (séc. XV) / *lembrança* (séc. XV); *mostramento* (séc. XIV) / *mostrança* (séc. XV); *mudamento* (séc. XIII) / *mudança* (séc. XIV); *fallimento* (séc. XIV) / *falência* (séc. XV);

c) *-mento* / *-agem*: *tiramento* (séc. XV) / *tiragem* (1858);

d) *-mento* / *-ão*: *estremecimento* (séc. XVI) / *estremeção* (1874);

e) *-mento* / *-dura*: *cozimento* (séc. XV) / *cozedura* (1813);

Os derivados em *-mento*, embora do ponto de vista da significação apresentem diferenças relativamente às bases, estão intimamente relacionados com elas, ou seja, o significado destes derivados é previsível e transparente.

Do ponto de vista semântico, o que há de mais importante a registar nos exemplos em *-aria* extraídos dos textos prende-se com as diferentes acepções do sufixo, característica assinalada por praticamente todos os gramáticos históricos. As ocorrências de *-aria* nos textos utilizados para controlo dos dados confirmam a opinião de Nunes ([1919] 1989⁹: 384), quando o mesmo hierarquiza cronologicamente as diferentes acepções do sufixo (1º 'colectivo', 2º 'local', 3º 'ofício, profissão'). Em português

contemporâneo, o sufixo *-aria* junta-se a bases [+N] para formar nomes [+femininos] e confere-lhes duas acepções básicas ('Colectivo' e 'Local'), nem sempre claramente distintas, tendo-se perdido a acepção de 'Cargo, ofício, profissão', o que talvez indique uma tendência do sufixo para a especialização de sentido. Por outro lado, serve também para formar nomes [+abstractos] que denotam 'Qualidade (geralmente negativa) do que é próprio de' (exs.: *patifaria*, *pirataria*, *velhacaria*, etc.). Subdivisões como a que estabelece uma distinção entre Base [+Hum] e Base [-Anim] dentro da acepção 'Local' realçam a importância que as bases têm na interpretação dos derivados (no primeiro caso não são simultaneamente locativos e colectivos, enquanto no segundo se sobrepõem muitas vezes)¹⁰ e ilustram a relação

¹⁰ Relativamente a *-aria*, Rio-Torto (1998: 186 e 191) admite que é frequente a coexistência de significações, como por exemplo locativa e quantitativa (cf. *enfermaria*, *livraria*, etc.), referindo que certos "nomina quantitatis" (exemplos: *bruxaria*, *feitiçaria*, *patifaria*) também podem ser interpretados como "atitudinais" (exemplos: *fazer bruxaria(s)*, *feitiçaria*, *patifaria(s)*). De acordo com a autora, na segunda interpretação do segundo grupo, "à primitiva significação predicativa ter-se-á sobreposto uma significação atitudinal, naquela metonimicamente ancorada". Esta posição

forma / significado que terá sempre de ser tida em consideração na análise da formação de palavras.

O sufixo *-ice* forma N, a partir de Adj. que designam a 'Qualidade (geralmente negativa); propriedade' (exs.: *beatice*, *malandrice*, *tolice*) e N, a partir de N (exs.: *criancice*, *freirice*, *gramatiquice*). Nalguns exemplos em *-ice* pode observar-se que o semanticismo negativo é unicamente conferido pelo sufixo (exs.: *modernice*) e noutros não existe qualquer carga negativa (exs.: *meiguice*). O sufixo apresenta comportamentos diferenciados, ora funcionando como intensificador das propriedades expressas pelos adjectivos, ora conferindo às bases nominais uma carga satírica/irónica.

Como salientado por Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 344) e Ali ([1931] 1964³: 233-234), *-ez-* junta-se por vezes a bases que são seleccionadas por outros sufixos nominais, principalmente *-ura*, *-idade* e *-idão* ou que são formas [+lat], como em *brandeza* / *brandura*; *braveza* / *bravura*; *clareza* / *claridade*; *cruелеza* / *crueldade*; *escurеза* / *escuridão*; *frouxeza* / *frouxidão*; *graveza* /

reformula uma outra assumida pela mesma autora (cf. Rio-Torto, 1986), em que se apontava para a existência de cinco sufixos *-aria* homónimos.

*gravidade; igualeza / igualdade; maleza / maldade; rareza / raridade*¹¹. Esta circunstância terá contribuído, segundo Ali ([1931] 1964³: 233-234), para que os derivados em *-ez-*, "por efeito da concorrência de outras formações que significavam a mesma coisa", se tornassem "menos usados ou desapareceram de todo" (por ex.: *igualdade; favor; maldade; crueldade; liberalidade; brandura; etc...*, por *igualeza; favoreza; maleza; crujeza; blandeza; etc...*).

Tal como o latino "*-itātem*, acusativo de *-itās -itātis*" (cf. Cunha [1982] 1987²), *-idade* em português forma inúmeros derivados, soldando-se a bases predominantemente adjectivais para formar derivados nominais abstractos e indicando a 'qualidade'. Muitos adjectivos aos quais *-idade* se junta para formar derivados nominais, são, por sua vez, bases derivadas¹², como em *criminalidade* e *grandiosidade*.

¹¹ Embora não referido explicitamente pelos gramáticos, através dos exemplos fornecidos pode observar-se que *-eza* se caracteriza por se soldar a adjectivos simples (exs.: *baixeza, beleza*).

¹² Este aspecto é tido por Piel (1940: 220) como uma das causas da "fertilidade" do sufixo, ou seja, isso "deve-se à circunstância de êle se ligar não só a adjectivos simples, mas também derivados".

Todavia, *-idade* bloqueia a acção de outros sufixos, não admitindo derivações posteriores, não participando, portanto, da recursividade sufixal.

Partindo das formas que segundo os gramáticos se "opõem" a outras em *-idade*, quis verificar até que ponto elas estabelecem ou não um paralelo do ponto de vista semântico e em que medida umas suplantaram as outras. Assim, observei que:

- *cegueira, mansidão* [+lat] e *solidão* [+lat] se sobrepuseram aos aparentemente sinónimos *cegueira, mansidão* e *soledade* [+lat];

- *claridade* [+lat] e *clareza* têm significados que não se recobrem na totalidade (*claridade* designa sobretudo o efeito da luz, tendo um emprego mais restritivo do que *clareza*), *imensidão* e *imensidade* [+lat] são praticamente sinónimos, mas parece-me que o segundo é mais abrangente, o mesmo se passando nos pares *pouquidade* e *pouquidão, puridade* [+lat] e *pureza* e *seguridade* [+lat] e *segurança*. Ou seja, observa-se que as formas em *-idade* designam a 'qualidade', enquanto a maioria dos derivados formados a partir da mesma base com outros sufixos, para além de designarem a 'qualidade', se polissemizaram, adquirindo outras acepções.

Para a indisponibilidade de *-idão* na formação de nomes abstractos a partir de adjectivos pode ter concorrido a maior disponibilidade de *-idade*, sobretudo o facto de este último se soldar tanto a adjectivos simples como complexos, assim como a de outros derivados concorrentes, como indico abaixo:

a) *-idão* / *-ura*: *fresquidão* (séc. XVI) / *frescura* (séc. XVI); *negridão* (séc. XVI) / *negrura* (séc. XIV); *rouquidão* (1813) / *roucura* (séc. XV);

b) *-idão* / *-ez-*: *levidão* (séc. XV) / *leveza* (séc. XV); *limpidoem* (séc. XIII) / *limpeza* (séc. XIV);

c) *-idão* / *-tura*: *escravidão* (1671) / *escravatura* (1770);

Como se pode observar, excepto em dois derivados em *-ura*, verifica-se que os derivados em *-idão* ou são da mesma época, ou então são anteriores aos derivados com outros sufixos.

O sufixo *-nça* junta-se desde o século XIII, a temas verbais para formar nomes e designa 'Acção ou resultado da acção' e 'Estado' (exs.: *governança*, *vingança*). Pode igualmente seleccionar nomes para formar outros nomes¹³ que não são nem nomes de acção nem nomes de qualidade, mas antes, como assinala

¹³ Aspecto não referido pelos gramáticos históricos.

Piel (1940: 232-233), nomes com "um significado colectivo (que facilmente se combina com o abstracto), e aumentativo, com um ligeiro sabor depreciativo ou familiar: cf. *festança* «festa ruidosa; grande divertimento», *molhança* «grande porção de mólho», *papança* fam. «aquilo que se come, comezaina», *mestrança* pop. «conjunto dos indivíduos mais graduados»".

As datas das atestações nos dicionários etimológicos consultados corroboram a opinião dos gramáticos, segundo os quais certos derivados em *-ura* se sobrepuseram a formas mais latinas em *-or* (exs.: *alvura* séc. XIV / *alvor* (lat.) séc. XIII; *amargura* séc. XIII / *amargor* (lat.) séc. XIII), existindo, contudo, igualmente casos em que derivados em *-ura* foram substituídos por formas [+lat] em *-or* (exs.: *rencura* séc. XIII / *rancor*, *rencor* (lat.) séc. XIV). Noutros exemplos em que os derivados ou as formas [+lat] em *-ura* são anteriores ou contemporâneos dos derivados em *-or* ou das formas [+lat] em *-or* não se deu a substituição dos primeiros pelos segundos, na medida em que o significado não é exactamente o mesmo¹⁴ e, por isso, dá-se a coexistência de ambos (*fervor*

¹⁴ Nos derivados e nas formas em que ocorre, *-or* parece ter um efeito de intensificação maior.

(lat.) séc. XIII / *fervura* (lat.) séc. XVI; *frescura* séc. XVI / *frescor* séc. XVI; *negrura* séc. XIV / *negror* (lat.) 1881; *verdura* séc. XIV / *verdor* 1813).

No que diz respeito a derivados em *-ura* e a formas [+lat] em *-eza*, estas substituíram ou são mais frequentes do que as primeiras (cf., por exemplo, *mollura* séc. XV / *molleza* séc. XV (lat.); *tristura* séc. XIII / *tristez(a)* séc. XIII (lat.)).

Resumindo:

1. Os derivados em *-agem* formados a partir de um tema verbal são descritos como denotando frequentemente uma acção em curso (ex.: *lavagem*), enquanto muitos derivados em *-mento* se caracterizam por indicarem o resultado da acção (ex.: *deslumbramento*) e por serem [+abstractos].

2. O sufixo *-ez-*, muito disponível no português antigo, forma muitos derivados cujas bases denotam qualidades morais valorativas (ex.: *gentileza*, *honradez*), ao passo que os derivados em *-idade* se originam de bases que tanto remetem para qualidades físicas como morais, as quais podem ser valorativas (ex.: *estudiosidade*) ou pejorativas (ex.: *criminalidade*) e possuírem o traço [+anim] (ex.: *ceguidade*) ou [-anim] (ex.: *dilatabilidade*).

3. O sufixo *-nça* perdeu disponibilidade sobretudo a favor de formas regressivas (exs.: *ensinança* / *ensino*) e de formas [+lat] (exs.: *igualdança* / *igualdade* (lat.)); os derivados em *-nça* que fazem parte do *corpus*, pressupõem uma base [+hum] (exs.: *alegrança*, *vingança*).

4. Os adjectivos a que *-ez-* se junta para formar nomes são maioritariamente palavras simples (ex.: *aridez* / *aridez(a)*), enquanto muitas bases adjectivais seleccionadas por *-idade* são palavras complexas (ex.: *impressionabilidade*).

5. As bases a que se solda *-ice* assinalam tipicamente uma qualidade moral depreciativa (ex.: *burrice*);

6. Nos nomes de acção, é frequente apontar-se o aumento de disponibilidade de *-ção*, em detrimento de *-mento*, justificando esta situação com o aumento de disponibilidade das verbalizações em *-izar*, as quais, por sua vez, suplantaram as em *-ificar*.

Sobre as restrições na selecção de sufixos, elas podem ser, como é sabido, de vários tipos, nomeadamente:

a) restrições sintáctico-semânticas: por vezes, alguns sufixos apresentam, ou carecem de, traços sintácticos que impedem ou não favorecem a sua presença em determinados processos derivacionais (por exemplo, o sufixo *-mento* selecciona predominantemente verbos transitivos);

b) restrições morfológicas, quando determinados sufixos bloqueiam ou exigem a presença de ulteriores cadeias derivacionais (por exemplo, os V em *-izar* seleccionam *-ção*, enquanto os verbos em *-ecer* seleccionam *-mento* e excluem *-ção*).

(cf., Lacuesta e Gisbert, 1999: 4513);

c) restrições léxico-semânticas, no sentido em que a derivação pode exigir um grau de especialização lexical que exclua a presença de determinados sufixos e, paralelamente, exija a de outros (por exemplo, para indicar a 'Dignidade ou função de' intervém o sufixo *-ado*, o qual selecciona bases nominais caracterizadas pelo traço [+hum]);

Tal como referi no início, as consequências da competição sufixal podem manifestar-se quer ao nível da produtividade, quer ter implicações no que diz respeito à polissemia, na medida em que um sufixo só pode suplantar outro se forem polissémicos, exercendo ambos a mesma função.

A principal razão para a perda de disponibilidade de um determinado processo deve-se à existência de sufixos concorrentes¹⁵: quando existem sufixos

¹⁵ Por exemplo, ninguém consegue imaginar que o sufixo *-mente* venha a deixar de ser produtivo, pela simples razão de que não

concorrentes, a escolha de um sufixo em detrimento de outro nem sempre é imposta pelo sistema¹⁶, o que contribui para que determinada formação passe a ser considerada como mais rara (tornando-se cada vez menos frequente) é a existência de outra com um grau de rentabilidade maior. Este facto é importante porque pressupõe que na memória dos falantes estão presentes quer os mecanismos de formação de palavras, quer os produtos complexos por eles gerados.

Na minha opinião, a explicação para a perda de rentabilidade de um sufixo deve-se ao dualismo exercido pelo sistema em que uns elementos dominam (aqueles que estão mais disponíveis e são mais rentáveis) e outros sucumbem, por pertencerem a um grupo mais restrito, i.e., elementos que por serem menos rentáveis, têm menos hipóteses

dispomos de outro para formarmos adverbializações.

¹⁶ Cf., por exemplo, a indisponibilidade do sufixo *-aria* para se juntar a nomes, de modo a formar outros nomes designando a 'Função, cargo', como em *alcaidaria* e *vigararia*. Com a extinção destas funções deixou de ser possível o estabelecimento de relações paradigmáticas. Neste caso, estamos perante uma mudança que afectou uma regra de formação de palavras, indo, portanto, muito mais além do que uma simples quebra no grau de rentabilidade de determinado processo.

de virem a formar novas palavras. Os sufixos mais rentáveis tenderão, assim, a alargar o seu emprego, tornando-se polissémicos (por ex., o sufixo *-eiro*). Podemos concluir, então, que: há uma tendência para reduzir o número de sufixos disponíveis em português; a perda de disponibilidade de um sufixo em detrimento de outro (por exemplo, a maior disponibilidade de *-ção* relativamente a *-mento*; cf. *repartimento* (séc. XIV) / *repartição* (séc. XV)) é um caso de mudança morfológica que redundará numa mudança lexical (alargamento do léxico), mas isso não significa que haja alteração da natureza dos processos derivacionais (em ambos os casos temos uma nominalização a partir de um TV); a competição entre sufixos que seriam à partida mutuamente exclusivos diminuiu, como revela a análise que me permitiu comparar valores diferentes em momentos diferenciados, mas sempre existiu e, em princípio, assim continuará a ser: tal como não dispomos de um grande número de sufixos que denotem o mesmo valor, também a um determinado valor não corresponde um único sufixo. Por isso, apesar da complexidade aparente do subsistema sufixal nominal do português, os recursos derivacionais de que dispomos são previsíveis e regulares, tanto do

ponto de vista formal como semântico; os dados apontam para que os sufixos concorrentes sejam hoje em muito menor número do que no passado, vislumbrando-se uma forte tendência para que a sua redução continue a aumentar. Contudo, devemos assumir que a competição entre processos morfológicos "is a normal situation rather than an exceptional one" (Bauer, 2001: 71) e que a competição existente entre elementos que seriam à partida mutuamente exclusivos só pode ser analisada e compreendida através de um estudo diacrónico que permita comparar valores diferentes em momentos diferenciados; à medida que alguns sufixos foram perdendo disponibilidade, o sistema sufixal do português tornou-se mais restrito: com a perda de disponibilidade de alguns sufixos, os seus concorrentes passaram a acumular mais possibilidades, tanto no que diz respeito à selecção das bases, como do ponto de vista semântico, o que é considerado, por vezes, como causa de desequilíbrio e de uma maior complexidade. No entanto, por envolver um maior número de sufixos, também podemos considerar que o sistema sufixal do português medieval era mais complexo.

Referências:

- Ali, Manuel Said. [1931] 1964³. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos
- Aronoff, Mark. 1976. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge (Massachusetts): MIT Press
- BAUER, Laurie. 2001. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press
- Becherel, D. 1981. "Différenciation morpho-sémantique des suffixes nominalisateurs de l'adjectif". In *Cahiers de Lexicologie*, vol. XXXVIII-I, pp. 45-59
- Caetano, Maria do Céu. 2003. *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
- CASTRO, Maria Helena L. de. 1998. *Dom Duarte. Leal Conselheiro (edição crítica)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- Cunha, Antônio Geraldo da. [1982] 1987². *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira
- Cunha, Celso e L. F. Lindley Cintra. [1984] 1989⁶. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa
- Dressler, Wolfgang U. 1988. "Word formation as part of natural morphology". In Wolfgang Dressler et al. (eds) *Leitmotifs in Natural Morphology*. Amsterdam: John Benjamins, 99-126.
- Dubois, Jean. 1962. *Étude sur la Dérivation Suffixale en Français Moderne et Contemporain*. Paris: Larousse
- Ferreiro, Manuel. 1997. *Gramática Histórica Galega. II Lexicoloxía*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento
- Humboldt, Wilhelm von. 1836. *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluß auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Berlin: Gedruckt in der Druckerei der Königlichen.

- Iordan, Iorgu & Maria Manoliu. [1972] 1980. *Manual de Lingüística Románica*. Madrid: Editorial Gredos
- Lacuesta, Ramón S. & Eugenio de B. Gisbert. 1999. "La Derivación Nominal", in Ignacio Bosque & Violeta Demonte (eds) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Real Academia Española / Fundación José Ortega y Gasset / Editorial Espasa, vol. III, pp. 4505-4594
- Nunes, José Joaquim. [1919] 1989⁹. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Clássica Editora
- Pena, Jesus. 1990. *La Derivacion en Español. Verbos derivados y sustantivos verbales*. Anexo 16 de *Verba*
- Pereira, Eduardo Carlos. [1916] 1935⁹. *Gramática Histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional
- Piel, Joseph M. [1940] 1989. "A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português". In *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 201-212 (publicado pela primeira vez em *Boletim de Filologia*, 7, pp. 1-17)
- Plag, Ingo. 1999. *Morphological Productivity. Structural Constraints in English Derivation*. Berlin: Mouton de Gruyter
- Rio-Torto, Graça Maria. 1998. *Morfologia Derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora
- Silva JR., Manuel Pacheco da & Lameira de Andrade. [1887] 1913⁴. *Grammatica da Lingua Portugueza*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves